

## **Geografias da Comunicação na pesquisa sul-mato-grossense: fronteiras, territórios e perspectivas<sup>1</sup>**

Daniela Cristiane OTA<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Lairtes Chaves RODRIGUES FILHO<sup>3</sup>  
Universidade Gama Filho (UGF)

### **RESUMO**

As relações de global-local e a produção e percepção do espaço pensado sobre o viés da comunicação são cada vez mais valorizados no entendimento das mídias regionais e das regionalidades como um todo. As cartografias de mídia e seus significados sociais ganham espaço obrigatório nos estudos sociais e nas ciências da comunicação como novo paradigma de análise: a geografia da comunicação e as identidades transformadas no âmbito do local. Aqui se pretende tratar de alguns dos principais pontos desses estudos em Mato Grosso do Sul e sobre os possíveis caminhos para o crescimento do campo, considerando a necessidade de compreender o novo *sensorium*, das condições tecnológicas e informacionais das quais emergem contextos midiáticos e comunicacionais cada vez mais complexos para serem mapeados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Geografias da Comunicação; Regionalidade; Mídia; Cartografia Social

### **PENSAR AS RELAÇÕES SOCIAIS E O ESPAÇO**

O real ganho da valorização do espaço nos estudos sociais trata de uma mudança que ao leitor desatento pode parecer mínima. Se pensarmos que na visão histórica e no seu cerne filosófico o homem sempre perguntou-se “Onde estamos e para onde vamos”, referindo-se ao presente e ao futuro, com a preocupação maior direcionada ao tempo e aquilo que se poderia esperar do vindouro, na sociedade da informação e nas rápidas transformações tecnológicas com a noção e necessidade do imediatismo, por exemplo, as possíveis respostas ganham um teor mais espacial que temporal.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Geografias da Comunicação do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutora em Ciências da Comunicação (USP) e Mestre em Comunicação Social (UMESP). Professora Adjunta do curso de Comunicação Social – Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da UFMS. E-mail: [daniela.ota@ufms.br](mailto:daniela.ota@ufms.br)

<sup>3</sup> Especialização MBA em Comunicação Institucional e Gestão de Marcas (UGF). Graduado em Comunicação Social – Jornalismo na UFMS. E-mail: [lairtesc@gmail.com](mailto:lairtesc@gmail.com)

“Onde estamos” exime-se na crítica e na reflexão sobre as ambiguidades do global-local, das realidades políticas, sociais e econômicas de cada país ou continentes, ou ainda numa visão mais próxima, de cada cidade, bairro, rua e quarteirão.

Se a inquietude do tempo que ainda não existe ou do que existiu é fator real, a preocupação com as transformações do espaço próximo ou sobre como os efeitos de ações no espaço distante sobre o “aqui” é gritante. Tudo está ligado. Os territórios não são apenas demarcados por acordos políticos. Eles são editados pelas relações sociais, mediadas ou não, pela tecnologia e pela informação globalizada.

Na obra de sociólogos clássicos encontramos as primeiras preocupações sobre o espaço. Em Durkheim<sup>4</sup> temos a questão do espaço, definido, à semelhança do tempo, como uma categoria de entendimento, onde ambos são produtos do pensamento coletivo. Por ser coletivo, entendemos que a representação especial se relaciona a uma coordenação da experiência sensível, como forma de ordenar o heterogêneo. A preocupação com a representação e produção coletiva do espaço traz à tona elementos de uma morfologia social.

O espaço é suporte de memórias. Outro clássico que nos permite refletir sobre o alcance das relações sociais no espaço é Maurice Halbwachs (1990), que em “A Memória Coletiva” estabelece noções fundamentais para pensar a experiência sensível no lugar.

“Logo que o grupo é inserido numa parte do espaço, transforma-a à sua imagem, mas ao mesmo tempo submete-se e adapta-se a coisas materiais que lhe resistem. p.132)” e complementa, “Assim, não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: as nossas impressões afastam-se umas às outras, nada fica no nosso espírito e não compreenderíamos que pudéssemos rever o passado se ele não se conservasse com efeito pelo meio material que o envolve” (p. 146).

Filomena Silvano (2000) traduz a ideia de Halbwachs (idem), ao afirmar que o autor defende que “este é o suporte ideal para as nossas memórias, tanto individuais como coletivas. A organização material do espaço aparece assim como uma espécie de garantia da manutenção e da transmissão de memória do grupo. Primeiro porque o grupo “molda” o espaço, ao mesmo tempo que se deixa “moldar” por ele. Segundo, porque o espaço fixa as características do grupo”. A autora, defende a existência de uma antropologia do espaço, de uma forma específica de ver a cultura e a organização social a partir da organização do espaço.

---

<sup>4</sup> Les formes élémentaires de la vie religieuse

Temos Henri Lefebvre (2000) que inova na tentativa, justamente, de deslocar o centro do saber das ciências sociais do tempo para o espaço, com uma concepção diferente, não fragmentada, com a primeira ideia (depois desenvolvida por geógrafos como David Harley ou ainda Milton Santos) de produção do espaço. Sobre a ideia de Lefebvre, Silvano (2010) destaca: “observar o espaço significa observar as práticas sociais que o constituem” p. 46.

O trabalho do geógrafo sustenta-se sobre três conceitos-chave: a) prática social, que engloba a produção e a reprodução dos lugares de cada formação social, b) representação do espaço, ligadas às relações de produção e a implicação de conhecimentos e códigos específicos, visto que conceber o espaço pressupõe representa-lo a partir de um determinado sistema de signos<sup>5</sup>, e c) espaços de representação, associados ao cotidiano, ao vivido, sob o qual o espaço é vivido antes de ser percebido. Esta mudança de percepção da realidade é discutida constantemente por cientistas sociais que tentam trazer para as realidades locais, os efeitos comportamentais e de organização mais nítidos do fenômeno. O latino-americano Jesus Martín-Barbero (2004) faz um breve panorama sobre o conflito constante nas ciências sociais no estudo das relações espaço/tempo.

De um lado temos Michel Foucault (1987) em *Vigiar e Punir*, colocando o espaço como multiplicado panóptico, lugar de vigilância, da disciplina e do castigo. Foucault centra-se no espaço contemporâneo que segundo ele, é um espaço de colocação (*emplacement*), definido pelas relações de “vizinhança” entre elementos. “As diferentes lógicas de colocação dão formas a *emplacements* diversos (lugares de passagem – ruas, comboios, lugares de passagem provisória – cinema, praia, ou os lugares de repouso – casa, quarto). Toda essa conceituação avança sobre as chamadas utopias (espaços imaginários, sem lugar real) e heterotopias (espaços fora de todos os lugares, que no entanto são localizáveis).

Do outro temos Michel de Certeau (1994) em *A Invenção do Cotidiano*, que oferece uma concepção ativa do espaço, como algo praticado (entrecruzamento de vetores de direção e velocidade, algo produzido. Este último autor ainda faz sua separação conceitual entre espaço e lugar. Lugar seria o equivalente da palavra, no âmbito de apropriação, de práticas já do habitar e do transitar. (MARTÍN-BARBERO, 2004. p. 265)

---

<sup>5</sup> Sobre isto, Filomena Silvano (2010) afirma “É nesse sentido que o autor [...] vai desmontar as condições de produção do território contemporâneo e acusar o urbanismo – dependente de uma forma específica de representar o espaço, que surge associada a um modo de produção (sociedade) também específico – de homogeneizar o território e de, conseqüentemente, destruir as especificidades locais, dependentes de outras formas de representar o espaço e de outras formas de o produzir” (p. 49)

Foucault (2012, p. 250) ainda explora em *Microfísica do Poder* os aspectos autoritários e militaristas da geografia. Para ele, território é aquilo que é controlado por algum tipo de poder. “É sem dúvida uma noção geográfica mas é antes de tudo uma noção jurídico-política”.

O conhecimento, o saber e neste aspecto, as informações em fluxo, nos permite compreender as estruturas de poder na organização dos espaços. Conforme afirma Foucault, “desde o momento em que se pode analisar o saber em termos de região, de domínio, de implantação, de deslocamento, de transferência, pode-se aprender o processo pelo qual o saber funciona como um poder e reproduz os seus efeitos”.

Voltando à ideia de heterotopia, entendemos em Foucault que apesar da universalidade, cada sociedade manifesta determinados tipos de heterotopias. As primitivas possuem *heterotopias de crise* (lugares reservados em relação à sociedade em situação de crise: adolescentes, mulheres menstruadas, mulheres em parto, idosos). Aos poucos estas são substituídas por heterotopias de desvio (lugares reservados a sujeitos com comportamento fora das normas: hospitais psiquiátricos, prisões, asilos).

Consideramos como elemento importante desta perspectiva o conceito de lugares de memória. Nas palavras de Martín-Barbero (Op. Cit. p. 269), “cada região, cada localidade, cada grupo étnico ou racial reclama o direito à sua memória. [...] Pondo em cena uma representação fragmentada da unidade territorial do nacional, os lugares de memória celebram paradoxalmente o fim da novela nacional”.

A construção de uma releitura da sociedade considerando os efeitos da produção, reprodução e representação do espaço alcançam preocupações de todos os campos de pesquisa, sobremaneira da antropologia, ou mais, da antropologia social.

Evans-Pritchard (1972), traz para a antropologia social a necessidade da visão integral da comunidade para a identificação e estudo das estruturas sociais, na qual destaca, por exemplo a importâncias das sociedades primitivas para os antropólogos, na qual é possível, em uma análise menos complexo da necessária para a mesma etnografia no espaço urbano, de uma ecologia social, sob a qual a antropologia social.

Tenta revelar as formas ou padrões estruturais que existem por detrás da complexidade e aparente confusão das realidades da sociedade que estuda. E chega a este objetivo procurando fazer abstrações a partir do comportamento social e relacionando-as entre si de tal modo que a vida social possa ser apercebida como um conjunto de partes inter-relacionadas, como um todo” (EVANS-PRITCHARD, 1972. p. 119)

Evans-Pritchard (1978), em *Os Nuer*, trabalha a etnografia de maneira complexa para entender toda a composição e estruturas das instituições políticas e sociais da etnia, incluindo pioneiramente a relação fundamental entre o comportamento da tribo e as relações com o espaço e a dimensão ecológica pessoa-ambiente. Ele destaca as necessidades “urbanísticas” da tribo para resistir as chuvas e inundações, bem como a migração em períodos iguais conforme a realidade climática.

Temos o objeto central - Influências das relações ecológicas sobre as instituições. Na etnografia dos Nuer, o espaço é compreendido nas relações e nas distâncias entre pessoas, grupos, etc, e influi diretamente sobre o pertencimento e a identificação dos sujeitos, no que o autor chama de sentimento tribal – orgulho da regionalidade, e depreciação jocosa de outras tribos e regiões.

Para se compreender a força da relação ecológica e do vínculo do sujeito tribal com sua terra, seu território, Evans-Pritchard (Idem) relata um elemento cultural curioso: Homens que pretendem deixar a tribo onde nasceram carregam consigo ou pouco da terra de sua região natal e a bebem numa solução de água, acrescentando a cada dose, uma porção maior da terra de sua nova região, como forma de romper os laços místicos com a antiga e construir laços místicos com a nova. Esse vínculo ou laço místico é o que o chamado *cieng*, ou como precisa Evans-Pritchard (Idem), o *home*, de alguém. Como ainda explicita Silvano (2010):

a pertença e, conseqüentemente, a não pertença são estruturalmente relativas. Nesse sentido, o sistema político nuer configura-se como um sistema que vive do equilíbrio entre duas tendências opostas: a de sisão, e conseqüentemente de segmentação, e a de fusão, e conseqüentemente de combinação. A configuração estrutural do espaço segue, logicamente, a mesma tendência”. P. 44

Na sociedade da informação, multifacetada nas tramas e redes da globalização, temos tribos locais que ocupam espaços rurais, urbanos, imaginários, tecnológicos e tantos outros, unindo-se vez ou outra como uma única Aldeia Global, segundo as contribuições do canadense Marshall McLuhan (2005). E qual seria a ecologia dessa(s) nossa(s) tribo(s)? Como o espaço se manifesta e influencia os comportamentos e as estruturas das instituições? Como esses sujeitos tecnológicos globalizados, regionalizados, multiconectados se organizam? Se seguirmos a mesma constituição ideológica de *media*

*ecology*<sup>6</sup> McLuhan (Idem) podemos imaginar alguns caminhos e elementos que permitem reflexões: Se somos tribos modernas, comunidades, nossa organização se estabelece pelas estruturas de comunicação. Os *media*, as TIC, as redes... eis o nosso tambor tribal<sup>7</sup>.

## A COMUNICAÇÃO COMPREENDIDA NO ESPAÇO-TEMPO

Jesus Martín-Barbero (2004) afirma que, hoje, a comunicação se apresenta configurada em três dimensões primordiais: o espaço do mundo, o território da cidade e o tempo dos jovens. “Espaço-mundo, pois a globalização não se deixa pensar como mera extensão qualitativa ou quantitativa dos estados nacionais, fazendo-nos passar do internacional (política) e do transnacional (empresa) ao mundial (tecnocultura)”.

Território-cidade pois nele se configuram novos cenários de comunicação dos quais emerge um *sensorium* novo, cujos dispositivos-chave são a fragmentação – não só dos relatos mas da experiência, da desagregação social - e o fluxo: o ininterrupto fluxo das imagens na multiplicidade das telas – de trabalho e ócio – entrelaçadas. E onde esse *sensorium* se faz social e culturalmente visível hoje é no entretempo dos jovens, cujas enormes dificuldades de conversa com as outras gerações aponta para tudo o que na mudança geracional há de mutação cultural. (MARTÍN-BARBERO, 2004. p.37)

Compreende de fato, a existência de um **tecido** dum novo tipo de espaço reticulado que transforma e ativa os sentidos do comunicar.

---

<sup>6</sup> Sobre Media Ecology, Neil Postman, define como conceito na página da Media Ecology Association (<http://www.media-ecology.org>) o seguinte: Media ecology looks into the matter of how media of communication affect human perception, understanding, feeling, and value; and how our interaction with media facilitates or impedes our chances of survival. The word ecology implies the study of environments: their structure, content, and impact on people. An environment is, after all, a complex message system which imposes on human beings certain ways of thinking, feeling, and behaving.

- It structures what we can see and say and, therefore, do.
- It assigns roles to us and insists on our playing them.
- It specifies what we are permitted to do and what we are not. Sometimes, as in the case of a courtroom, or classroom, or business office, the specifications are explicit and formal.

In the case of media environments (e.g., books, radio, film, television, etc.), the specifications are more often implicit and informal, half concealed by our assumption that what we are dealing with is not an environment but merely a machine. Media ecology tries to make these specifications explicit. It tries to find out what roles media force us to play, how media structure what we are seeing, why media make us feel and act as we do. Media ecology is the study of media as environments.

<sup>7</sup> Uma releitura possível sobre o tambor tribal pode ser aplicada a todos os media que convergem com as tecnologias de informação e comunicação. Se o rádio era o tambor tribal na primeira reflexão sobre a eletricidade nas relações comunicação-sujeito-sociedade; na era das redes digitais todos os media são tambores portáteis, móveis e conectados. O rádio, como afirma McLuhan (2005), é o meio de comunicação que remete às nossas origens tribais, orais. Cabe refletir ao que remetemos no contato com os tambores versão *mobile*.

Jansson (2005) estabelece de maneira prática e sistêmica, o viés pelo qual comunicação e geografia se conectam na compreensão dos fenômenos e relações sociais: nos processos de representação, mediação. Consonante com Martín-Barbero (Op. Cit.), ele percebe esse mesmo tecido, que em seu trabalho chamará *texture*.

A ligação entre a geografia e comunicação reside no facto de que (a) todas as formas de representação ocorrer no espaço, e que (b) todos os espaços são produzidos por meio de representação. Em outras palavras, as teorias da produção do espaço devem também, até certo ponto, serem entendidas como teorias de comunicação / mediação. Mapas, desenhos arquitetônicos, bem como o ambiente construído, são instâncias de mediação entre a experiência espacial, visões e materiais (pré) condições - embora raramente definido como tal, nem muito frequentemente incluídos nos meios de comunicação e estudos de comunicação.<sup>8</sup>

O autor propõe que as geografias da comunicação sejam compreendidas a partir de texturas, mediadas pela significação e estrutura das práticas espaciais e comunicativas. Estas são observáveis e “formam uma parte essencial do mundo da vida intersubjetiva, conhecida e controlável através da experiência social. [...]. Conhecimento estrutural é um pré-requisito para as ações (inter) em várias regiões do espaço”. (JANSSON, 2005)

A análise da textura bem como a geografia da comunicação como campo não pertence exclusivamente aos estudos de comunicação. Em vez disso, tem seu fundamento na teoria social e cultural. Jansson ainda questiona: “Em que sentido o conceito de textura contribui para a geografia da comunicação?”, estabelecendo em continuidade como fundamento um ponto duplo no qual “(1) As análises de textura abordam a comunicação como produção espacial, e lidam com uma questão dialética: Como é que a comunicação produz espaço, e como o espaço produz comunicação? (2) As análises de textura constituem um campo acadêmico emergente, que pode ser chamado geografia da comunicação”.<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup> No original em inglês: “The linkage between geography and communication lies in the fact that (a) all forms of representation occur *in space*, and that (b) all spaces are produced *through representation*. In other words, theories of spatial production must also to a certain extent be understood as theories of communication/mediation. Maps, architectural drawings, as well as the built environment, are instances of mediation between spatial experience, visions and material (pre)conditions – though rarely defined as such, nor very often included in media and communication studies.”

<sup>9</sup> Do original em inglês: “Then, in what sense does texture contribute to the geography of communication? My point here is twofold: (1) Textural analyses approach communication as spatial production, and deal with a dialectic question: How does communication produce space, and how does space produce communication? (2) Textural analyses constitute an emerging academic field, which might be called the geography of communication.”



De fato, as construções e os tecidos que moldam a trama da experiência e sentida se emolduram no espaço como o próprio momento vivido. O espaço como elemento comunicativo (produtor/promotor de comunicação) é centro na compreensão das relações porque determina a ambiguidade encontro/desencontro. Dialética essa que é explorada e substituída com o advento e desenvolvimento do espaço urbano que cada vez mais torna-se lugar de passagem e não de estadia (pelo modo de produção e os objetivos político-econômicos nele criados). Essa relação de mídia, cidade e experiência vivida na memória é observada por Nestor Garcia Canclini (2002):

Mesmo onde não foram destruídos os centros históricos, as praças, os lugares que mantinham viva a memória e permitiam o encontro das pessoas, sua força diminui frente à remodelação dos imaginários operada pelos meios de comunicação. [...] No tumulto heterogêneo e disperso de signos de identificação e referência, os meios não propõem tanto uma nova ordem, mas sim oferecem um espetáculo reconfortante. Mais do que estabelecer novos lugares de pertencimento e de identificação de raízes, o importante para as mídias é oferecer certa intensidade de experiências. Em vez de oferecer informações que orientem o indivíduo na crescente complexidade de interações e conflitos urbanos, os meios de comunicação ajudam a imaginar uma sociabilidade que relaciona as comunidades virtuais de consumidores midiáticos: os jovens com outros jovens; as mulheres com suas iguais; [...] As comunidades organizadas pela mídia substituiriam então os encontros nas praças, os estádios ou os salões de baile pelos não-lugares das redes audiovisuais.

Para Rodrigues Filho (2013) a memória coletiva neste a oralidade são elementos de identidade cultural das cidades no espaço-tempo. “A identidade cultural está intimamente ligada à memória social, na qual o espaço midiático é agente de encontros e experiências mediadas, principalmente na construção informativa e nos valores transmitidos pelo produto audiovisual, na representação das comunidades locais”.

Ou ainda como afirma o professor ElHajji:

A identidade étnica ou cultural do grupo parece condicionada a certa aderência de sua memória coletiva ao espaço (território ou lugar); sem o qual a sua marca subjetiva corre o risco de se diluir no *continuum* temporal, desprovido de referenciais perenes e imutáveis. Nossos processos mnemônicos seriam acionados e desencadeados por signos espaciais externos que transformam gestos anódinos em atos simbólicos passíveis de reconstituir a experiência ritualística existencial do grupo de origem, enriquecê-la e religar (não é mais preciso lembrar que, etimologicamente, a religião é um modo de religar - religare) as gerações presentes e futuras às antepassadas. (ELHAJJI, 2011)



Temos no âmbito da compreensão espaço-comunicação elementos diretos sobre a vida em sociedade e seu desenvolvimento nos mais diferentes lugares, bem como as manifestações e representações sociais, culturais e midiáticas produtoras e reprodutoras dos espaços. Compreendemos conflitos de exclusão e inclusão, perfis, conflitos ideológicos, étnicos, de grupos. Estabelecemos a ideia direta do sentimento de pertencimento com a regionalidade e a relação com a globalidade nos fluxos de informação, adutores da memória coletiva e de maneira geral, dos vínculos sensíveis com a terra, sua história, tradição e rituais simbólicos. Segundo Sônia Virgínia Moreira (2013), “as geografias da comunicação tratam desse contexto: privilegiam o espaço (e, nele, os fluxos informativos e as mediações tecnológicas) como campo de observação das interações reais e simbólicas entre pessoas e pessoas, entre pessoas e indústrias, entre pessoas e Estados, entre pessoas e ambientes”.

Pela ótica das geografias da comunicação tratamos de perfis e de construções sociais e midiáticas sobre como as relações de sujeitos se implicam e se sobrepõem nos modos de produção, nos fluxos de informação e nos *cieng* (usando o mesmo conceito de Evans-Pritchard sobre os Nuer) de cada região micro ou macrosociológica.

A regionalidade, nesse sentido, não implica necessariamente na identificação com um espaço delimitado por territórios, mas pela comunidade, pelo pertencimento, pela sintonia dos sujeitos em um determinado *sensorium*. Exemplos conhecidos disso são as regiões midiáticas que podem estar militadas a bairros ou a conglomerados de cidades, ou ainda das fronteiras, cujo espaço da comunidade transcende os limites entre territórios nacionais.

Se considerarmos cartografias de mídia, para identificação de estruturas e significantes nas relações sociais, poderíamos afirmar que, comumente, uma análise de textura ou de contextos dos media deve partir do campo:

1. Estrutural, considerando que a mídia e os sistemas e subsistemas midiáticos compõem uma instituição política e social, relacionada diretamente à organização social e à experiência do estar e sentir juntos
2. Político, considerando que a existência de mídias no sistema de radiodifusão é regulado pelo Executivo Federal em outorga de serviços e sinal, respeitando um sistema normativo e jurídico específico
3. Econômico, considerando que a organização midiática sobrevive pela lógica de mercado, seja por publicidade paga e outras interferências financeiras empresariais e

institucionais; ou por subvenção orçamentária própria no caso de associações e comunidades (onde se leva em conta a forma de arrecadação para manutenção) ou de veiculação de publicidades institucionais e repasse financeiro como no caso das emissoras estatais.

4. Social, considerando a forma como as relações e valores se modificam ou mantêm com determinada influência midiática, ou ainda pelos efeitos decorrentes dos fluxos informacionais, ou ainda pela instituição da cultura à domicílio como compensação pela mídia da ausência e minimização dos espaços de convivência

## CARTOGRAFIAS MIDIÁTICAS SUL-MATO-GROSSEENSES

### A) MAPEANDO AS MÍDIAS DO ESTADO

O Prof. Dr. Mário Fernandes e seu grupo de pesquisa tem realizado um trabalho diferenciado no entendimento de quem são os media de todo Mato Grosso do Sul. O pesquisador mapeia rádios, emissoras de televisão, jornais impressos e sites jornalísticos (ou informativos) em todos os 78 municípios do Estado.

São mais de 153 rádios, 126 jornais, 6 Televisões e 27 sites identificados na pesquisa que foi iniciada em 2011. Todos os 312 veículos fazem parte do trabalho de pesquisa Perfil da Pequena Imprensa de Mato Grosso do Sul que objetiva fazer o mapeamento e traçar o perfil desses jornais que diz respeito a sua estrutura empresarial e editorial.

Todos os veículos são cadastrados no sítio portaldemidia.ufms.br com indicação em um mapa específico na localidade de cada mídia, tornando possível num simples olhar, a noção de concentração de veículos, dispersão, tipos mais frequentes no interior, etc.

*Imagem 1. Interface inicial do portal do grupo*



Acerca do mapeamento desenvolvido pelo grupo podemos fazer considerações significativas. Como resultados de análise (no caso dos jornais impressos, do qual o caso gerou um relatório apresentado em julho de 2011), identificou-se que os 126 estão localizados em 44 (56,4%) dos 78 municípios sul-mato-grossenses. Dos 44 municípios que possuem imprensa escrita, 20 (45,5%) têm apenas um jornal. As dez (22,7%) cidades com maiores números de títulos são: Nova Andradina e Corumbá com seis cada; Aquidauana, Três Lagoas e Camapuã com cinco cada; Amambai, Coxim, Dourados e Ponta Porã com quatro cada. Os demais 14 (31,8%) municípios contam com dois ou três jornais.

Campo Grande, a capital, com seus 786 mil habitantes (potenciais leitores) e a maior concentração de órgãos públicos e de empresas públicas e privadas (potenciais anunciantes) abriga o maior número de jornais.

Dos 126 jornais, 70 (55,5%) possuem também uma versão online e 56 (44,5%) não. O grupo também conseguiu identificar a média de sobrevivência das empresas, revelando que 83 (65,8%) dos 126 atualmente em circulação surgiram entre 1996 e 2010, um período de apenas 14 anos.

Chama atenção também o fato de que dos jornais lançados entre 1966 e 1970 já não há mais nenhuma circulação. Esse foi um dos períodos mais duros da ditadura militar com a censura imposta aos meios de comunicação, mas é provável que jornais tenham sido lançados até mesmo motivados pela própria ditadura, como veículos de oposição ou situação. Porém, nenhum deles ainda perdura. Tal definhamento suscita um outro interessante ponto de investigação e parece seguir a tendência nacional das micro empresas onde, de cada 100, cerca de 70 fecham antes de completar um ano de atividades. Muito em breve, menos da metade dos atuais 83 periódicos aqui destacados estarão fora de circulação. Além do fator econômico e da falta de hábito de leitura dos brasileiros, agora há a forte concorrência com a Internet. (FERNANDES; ONÇA; RAFAEL. 2011 p. 5)

O projeto de pesquisa sobre o Perfil da pequena imprensa de Mato Grosso do Sul está na sua fase inicial. O grupo trabalha com a coleta constante de informações a fim de completar a cartografia da imprensa no Estado para publicar posteriormente informações sobre o perfil das empresas, do jornalista e das publicações.

## B) MAPEANDO AS MÍDIAS DA FRONTEIRA

Daniela Ota (2011) trabalha desde o doutoramento com as questões ligadas à mídia radiofônica na fronteira Brasil-Paraguai e Brasil-Bolívia. Mato Grosso do Sul é um Estado com 78 municípios e com 730,8 quilômetros de fronteira seca direta com países com

o Paraguai e a Bolívia. As pesquisas desenvolvidas têm como objetivo analisar os conteúdos jornalísticos das rádios e verificar se o meio, que atua como instrumento de divulgação, representa de forma simbólica a cultura e a identidade das comunidades fronteiriças. Por ser uma região limítrofe do Brasil onde não existem barreiras geográficas, caracterizada pela conformação de fronteira seca, os municípios sul-mato-grossenses e paraguaio e boliviano representam uma área peculiar para pesquisa; uma vez que os intercâmbios entre as comunidades são cotidianos. Suas pesquisas visam identificar se os discursos e as vivências da população que mora na fronteira estão presentes nos relatos das emissoras radiofônicas. Além dos conteúdos jornalísticos as pesquisas irão abordar também a questão das tecnologias que vêm sendo adotadas pelas emissoras para facilitar a transmissão entre os dois países e o uso da internet pelas empresas de comunicação radiofônicas. O mapeamento dos veículos radiofônicos posiciona-se na seguinte forma segundo Ota (2011):

**Tabela 01 - Emissoras dos municípios da fronteira de MS<sup>5</sup>**

<b>Município</b>	<b>Emissora</b>	<b>Localização da sede</b>	<b>Frequência</b>
Antônio João	Rádio Associação de Integração Comunitária Novos Tempos.	Antônio João (Brasil)	104,9 FM
Bela Vista	Rádio Bela Vista – A Voz do Apa	Bela Vista (Brasil)	1440 AM
	Rádio Frontera	Bella Vista (Paraguai)	94,0 FM
	Rádio Cidade	Bella Vista (Paraguai)	104,0 FM
Caracol	Associação Comunitária para o Desenvolvimento Artístico e Cultural (Codecol FM)	Caracol (Brasil)	87,9 FM

Coronel Sapucaia	Rádio Metrópole	Capitán Bado (Paraguai)	103,5 FM
	Rádio Conquista	Capitán Bado (Paraguai)	90,5 FM
Corumbá	Rádio Difusora Matogrossense	Corumbá (Brasil)	1360 AM
	Rádio Clube de Corumbá	Corumbá (Brasil)	1410 AM
	Transamérica Hits	Corumbá (Brasil)	92,9 FM
	Bandeirantes (FM Cidade)	Corumbá (Brasil)	94,3 FM
	Comunitária Pantanal	Corumbá (Brasil)	87,9 FM
	FM Melodia	Puerto Quijarro (Bolivia)	96,3 FM
Mundo Novo	Rádio Canindeyú	Salto del Guayrá (Paraguai)	95,7 FM
	Rádio Mundo Novo	Mundo Novo (Brasil)	105,5 FM
Paranhos	Rádio Aparai	Ype Jhu (Paraguai)	74,1 FM
	Rádio Amizade	Ype Jhu (Paraguai)	106,3 FM
Ponta Porã	Rádio Ponta Porã (Transamérica)	Ponta Porã (Brasil)	1110 AM
	Super Fronteira	Ponta Porã (Brasil)	670 AM
	Nova FM	Ponta Porã (Brasil)	96,9 FM
	Rádio Amambay FM	Pedro Juan Caballero (Paraguai)	100,5 FM
	Rádio MBurucúya	Pedro Juan Caballero (Paraguai)	980 AM
	Cero Corá	Pedro Juan Caballero (Paraguai)	91,5 FM

### C) MAPEANDO OS JORNALISTAS DA FRONTEIRA

Ainda trabalhando sob o signo da fronteira, o Prof. Dr. Marcelo Vicente Cancio Soares desenvolve com seu grupo de pesquisa as especificidades do jornalismo na fronteira Brasil-Paraguai. Entre as informações mais frequentes está o mapeamento e construção do perfil dos jornalistas atuantes nesse espaço junto a aluna Tainá Mendes Jara, em trabalho apresentado em 2012.

O estudo identificou jornalistas nas cidades de Mundo Novo, Japorã, Paranhos, Sete Quedas, Aral Moreira, Bela Vista, Ponta Porã e Porto Murtinho, no lado brasileiro e

Salto Del Guayrá, Ype Jhu, Pindoty Porã, Pedro Juan Caballero, Carmelo Peralta e Bella Vista Norte, no lado paraguaio. “O universo utilizado para análise corresponde aos jornalistas que residem e/ou trabalham nessas cidades, independente de terem ou não alguma formação acadêmica específica em jornalismo ou em qualquer outra área da comunicação”, atentam os autores em sua metodologia. Ao todo o trabalho identifica 63 jornalistas em 15 cidades, atuando em 43 empresas diferentes. Todo o material também é disponibilizado num sítio ([jornalismonafronteira.ufms.br](http://jornalismonafronteira.ufms.br))

Identificou-se a maior partes dos profissionais que trabalham na fronteira com o Paraguai tem mais de 45 anos (31,7%), e em segundo lugar de idade entre 36 e 45 (28,5%). Quase 81% dos profissionais são do sexo masculino. Cerca de 61% dos profissionais são bi ou trilíngues (português, espanhol e guarani), produzindo matérias nos respectivos idiomas para os dois países. Cerca de 50% trabalham em rádio e 22% em jornais impressos.

Questionados sobre as dificuldades encontradas para o exercício do jornalismo na região de fronteira 53,9% dos entrevistados citaram os itens: insegura, narcotráfico e falta de liberdade de expressão. Eles também encontram dificuldades em obter informações precisas, com os idiomas falados”, a falta de mão-de-obra, de material, falta de veículos de trabalho e de estrutura em geral. Questões éticas, deslocamento na produção de reportagens, comunicação com o país vizinho e carência de formação foram outras dificuldades citadas pelos entrevistados. (SOARES & JARA, 2012)

Quase 81% dos entrevistados pelos pesquisadores afirmaram quem trabalhar na fronteira é diferente de trabalhar em outras localidades. “A maioria apontou como principal diferencial ter de conhecer a cultura de dois países (30,1%). Com 23,8%, o segundo item mais citado foi a maior dificuldade no processo jornalístico”.

*Imagem 2. Fronteira Brasil-Paraguai*





## D) MAPEANDO LUGARES DE MEMÓRIA NO INTERIOR

Lairtes Chaves, Ruth Vianna e Daniela Ota desenvolveram trabalhos de identificação e mapeamento de cinemas no interior do Estado, mais precisamente na região da Serra da Bodoquena, formada pelos municípios de Jardim, Guia Lopes da Laguna, Bonito, Caracol e Bodoquena, vista sua importância histórica para o estado, na ocasião da Retirada da Laguna no século XIX e, a convalidação das diversas etnias e minorias presentes na região.

Foram encontradas quatro salas de cinema na região– duas em Jardim, uma em Guia Lopes da Laguna e uma em Bonito. Das quatro o cinema de maior destaque foi o CineJardim, no primeiro município.

O trabalho correu num primeiro momento sob o levantamento bibliográfico e documental para reunir os cinejornais e a listagem dos cinemas na região. Com a ausência de registros nas cidades e a dificuldade financeira encontrada em fazer a gravação dos cinejornais; o foco da pesquisa foi direcionada para o material local disponível para o levantamento: a memória social. (RODRIGUES FILHO & OTA, 2012)

O trabalho informa que realizadas 45 entrevistas em profundidade sem interferência direta nas respostas dos entrevistados. Como resultado, “tivemos relatos não-lineares no que se refere ao tempo cronológico, e conseguimos o desejado: relatos com carga afetiva, experiência no espaço, fatos histórico, descrição, tudo a partir do que o entrevistado considerava mais importante e portanto, lembranças que com o qual desenvolve vínculos afetivos”, afirma Rodrigues Filho (op. cit.)

Durante o trabalho, evidenciou-se a ausência de qualquer registro acerca da presença dos próprios cinemas nas cidades. Algumas plantas e escrituras de terreno da década de 70 surgiram como registros materiais únicos. A matéria prima e objeto principal do estudo estabeleceram-se então apenas pelo uso do relato acerca da história das cidades, dos cinemas e depois, dos cinejornais enfim.

Em Guia Lopes da Laguna encontraram-se relatos e registro de planta de um cinema, desativado no começo dos anos 90. Em Bonito relata-se a presença de um cinema entre 1980 e 1986. Bodoquena não teve cinemas ou salas de exibição. Jardim teve dois cinemas, um iniciado na década de 60, logo após a fundação da cidade, destruído por ordem do comando militar em 1989 (o CineJardim) e, outro comercial, falido pela falta de público e período desconhecido.

Conforme afirmam os autores:



A memória oral e a narrativa que trata da experiência dos personagens que construíram as cidades e vivenciaram de forma direta a ação dos produtos culturais, é fundamental para o entendimento do desenvolvimento de sua região. A identidade cultural é marca de seus relatos tanto quanto a cidade é testemunha por si do crescimento de suas atividades e população. (RODRIGUES FILHO &OTA, 2012. P. 205)

*Imagem 3. Localização do Planalto da Bodoquena*



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pluralidade das paisagens e a diversidade cultural e ecológica dos espaços em Mato Grosso do Sul têm gerado curiosidade dos pesquisadores em comunicação para as relações sociais em interface com as construções e representações midiáticas.

Evidente que o próprio aspecto geográfico é responsável por essa atenção especial dada aos aspectos espaciais (a fronteira com Paraguai e Bolívia como elemento integrante da cultura do Estado, a mescla dos costumes e crenças pelos fluxos migratórios no âmbito da proximidade dos territórios; a presença acentuante do Pantanal e do Aquífero Guaraní que alteram e produzem discursos ambientais impondo questões jurídicas e culturais sob os modos de produção e o consumo – inclusive cultural).

Aos poucos como já é tendência dos estudos sociais, o paradigma do espaço no Estado ganha força pelas relações ecológicas diferenciadas em cada região (no Pantanal a vida se altera pela cheia do Rio Paraguai, nas cidades rurais pela sazonalidade das chuvas, nas cidades maiores pelos problemas relacionados à chuva e as doenças de estação). Não seria enganoso se entendermos que uma etnografia sul-mato-grossense tivesse elementos

igualmente representativos aos dos Nuer, descritos com propriedade única por Evans-Pritchard (1978).

Como perspectiva, entendemos que ainda cabe o desafio de análises mais tenras sobre o espaço urbano em sua complexidade polifônica, urbanística, legalista e limitadora. As formas expressivas e os espaços de expressão precisam ainda ser pensados tanto nos *emplacements*, como diria Foucault, quanto das utopias e heterotopias e heterocromias. OS espaços de encontro precisam ser estudados bem como sua crescente desvalorização em favorecimento das relações mediadas pelas tecnologias de comunicação e informação, da mesma forma quanto aos lugares de memória e troca cultural pelo entretenimento à domicílio pelos meios de comunicação.

Ainda é necessário estabelecer, e aí cabe o desafio para próximas pesquisas, explorar os conflitos de territórios e a estruturação das instituições e seus espaços no âmbito do simbólico, do sensível e, principalmente, da opinião pública.

A disputa espacial sobre a opinião pública e os desejos dos sujeitos nos territórios microrregiões dentro do espaço urbano precisam ser socialmente cartografados e relacionados às crises pós-modernas que atingem todas as instituições (da representação política até a própria mídia, que mesmo na demanda regional é faltosa e não supre as necessidades e desejos de sua própria audiência).

As novas formas de pensar as sociedades e as comunidades pelas formas de (re)produzir seu espaço e sua comunicação é imbricada de novos modos de construção das identidades e cidadanias e, compreender como os processos de informação e consumo cultural se constituem nessa dinâmica tão rápida e viva quanto o espaço urbano é obrigatória.

Se não conseguirmos refletir sobre as novas socialidades, os *cieng* urbanos, o enraizamento e desenraizamento em fluxo global, a recente (ou nem tão recente) busca por novos lugares de memória culturalmente significativos para os processos de identificação e pertencimento dos sujeitos, ficaremos reféns das fissuras e da desordem de experiências que o caos da cidade oferece em seu veio, na obrigatoriedade de sua mobilidade e artificial liberdade. Esse novo *sensorium* é o campo que desafia o pesquisador nas geografias da comunicação. Os novos modos de estar e sentir juntos que estão se (re)produzindo socialmente.

Como afirma Martín-Barbero (2004) “é enquanto narrativa que a cidade nos dá o que pensar” (p. 276).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANCLINI, N. G. Cidades e cidadãos imaginados pelos meios de comunicação. **Revista Opinião Pública**, Campinas, Vol. VIII, nº1, 2002.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: 1, Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- ELHAJJI, M. Migrações, TICs e comunidades transnacionais: o devir diaspórico na era global. In: **Anais do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Recife, PE – 2 a 6 de setembro de 2011. Recife: Intercom, 2011. (CD-Rom)
- EVANS- PRITCHARD, E. E. **Os Nuer**: Uma descrição do modo de subsistência e das Instituições Políticas de um povo Nilota. 2ª Ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1978
- \_\_\_\_\_, E. E. **Antropologia Social**. Lisboa: ed. 70, 1972
- FERNANDES, M. L. **A força do jornal do interior**. Itajaí: Univali, 2003.
- \_\_\_\_\_; ONÇA, A; RAFAEL, H. Pesquisa revela primeiros dados sobre a imprensa de Mato Grosso do Sul. **Relatório do Portal de Mídia** – MS. Julho de 2011. Disponível em < <http://www.portaldemidia.ufms.br/?p=1293>>. Acesso em 15 de junho de 2013.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 25ª ed. São Paulo: Graal, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1987
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vertice, 1990.
- JANSSON, A. **For a Geography of Communication**. (2005). Disponível em < [http://geografias.net.br/autores/fot\\_a\\_geography\\_of\\_communication\\_jansson.pdf](http://geografias.net.br/autores/fot_a_geography_of_communication_jansson.pdf)>. Acesso em: 15 de maio de 2013.
- LEFEBVRE, H. **La Production de L’Espace**. 4ª ed. Paris: Éditions Anthropos, 2000.
- MARTÍN-BARBERO, J. **Ofício de Cartógrafo** – Travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. 14 ed. São Paulo: Cultrix, 2005
- MOREIRA, S.V. Por que Geografias, no plural, para a Comunicação? In: \_\_\_\_\_ (org.). **Geografias da Comunicação**: espaço de observação de mídia e de culturas. São Paulo: Intercom, 2013.
- OTA, D.C. **Mapeamento da mídia fronteiriça em Mato Grosso do Sul**. Anais do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Recife, PE , 2 a 6 de setembro de 2011. Recife: Intercom, 2011 (CD-Rom).
- RODRIGUES FILHO, L.C.; OTA, D.C. Etnografia do cinema e cinejornal na Serra da Bodoquena: História e Memória Social nas construções identitárias de Jardim-MS. In: **Revista Comunicação & Mercado/UNIGRAN** - Dourados - MS, vol. 01, n. 02 – edição especial, p. 194-207, nov 2012 ISSN: 2316-3992
- RODRIGUES FILHO, L.C. **Cinejardim**: Memória e Patrimônio. Série Radiofônica. Relatório de Projeto Experimental apresentado ao Curso de Bacharelado em Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Centro de Ciências Humanas e Sociais. Campo Grande – MS. UFMS, 2013.
- SILVANO, F. **Antropologia do Espaço**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010.
- SOARES, M.; JARA, T. Jornalistas da Fronteira Brasil/Paraguai. **Anais do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste**. Campo Grande – MS, 7 a 9 de junho de 2012. Campo Grande: Intercom, 2012. (CD-Rom)